



RELISE

INTEGRAÇÃO COMERCIAL DE SANTA CATARINA COM A ÁFRICA DO SUL: UMA ANÁLISE POR MEIO DE INDICADORES DE COMÉRCIO INTERNACIONAL ENTRE 2005 E 2015¹

Daiane Pavan²
Bruna Franceschina³
Inocência Boita Dalbosco⁴
Sabrina Do Nascimento⁵

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar a integração comercial de Santa Catarina em relação à África do Sul por meio de indicadores de comércio internacional entre os períodos de 2005 a 2015 para identificar a relevância das trocas comerciais entre Santa Catarina e África do Sul. Para tanto, foi realizado uma pesquisa descritiva de abordagem quantitativa com base em dados estatísticos obtidos por meio dos indicadores de vantagens comparativas de Bassala (1965), taxa de cobertura e índice de comércio intraindústria de Grubel e Lloyd (1975). Os resultados alcançados demonstram que o comércio entre Santa Catarina e África do Sul em vias gerais é essencialmente interindustrial, e os produtos estratégicos desta relação classificados como pontos fortes são: alimentos e bebidas; máquinas e equipamentos; madeira e mobiliário bem como papel e celulose. Nota-se, portanto que estes são produtos catarinenses com maiores chances de inserção no mercado sul-africano, representando oportunidades de negócios entre Santa Catarina e África do Sul.

Palavras-chaves: Índice de vantagens comparativas; Taxa de cobertura; Comércio intraindústria; Exportação.

ABSTRACT

This research aims to analyze the trade integration between Santa Catarina and South Africa through the indicators: comparative advantage from Bassala (1965), coverage rate and Intraindustry indicator from Grubel and Lloyd (1975) from 2005 until 2015. This research aims to identify the importance of the trade between Santa Catarina and South Africa. Therefore, the authors made a descriptive research, with a quantitative approach focusing in a statistics data base for the calculations. The outcomes found in this research show that the trade between Santa Catarina and South Africa is in general considered to be interindustry, and the strategic products of

¹ Recebido em 23/04/2017.

² daiane.pavan@unoesc.edu.br. Universidade do Oeste de Santa Catarina

³ bruna_franceschina@hotmail.com. Universidade do Oeste de Santa Catarina

⁴ inocencia.dalbosco@unoesc.edu.br. Universidade do Oeste de Santa Catarina

⁵ sabrina.nascimento@unoesc.edu.br. Universidade do Oeste de Santa Catarina



RELISE

95

this trade are: food and beverage, machines and equipment, wood and furniture, paper and cellulose. So, to conclude it is possible to notice that these are the main products between the international trade of Santa Catarina and South Africa, with bigger chances of commercial placement.

Keywords: Comparative advantage; Cobertura rate; Intraindustry indicator; Exportation.

INTRODUÇÃO

O comércio internacional pode ser uma alternativa eficiente para que países aproveitem seus fatores produtivos (BORGES; FRAGA, 2015). Ratti (2001) destaca que nem sempre países dispõem de recursos naturais para produção de todos os bens que necessitam, de modo que passam a se relacionar com outras nações para, dentre outros fatores, suprir suas demandas.

O Comércio Exterior, por intermédio das importações e exportações, é um agente relevante de integração comercial entre nações, estabelecendo vínculos de acordo com seus interesses, necessidades, limitações e prioridades, visando agir em conformidade com os objetivos e interesses de cada nação (LOPEZ; GAMA 2011). Ademais, o Ministério de Desenvolvimento Indústria e Comércio Exterior – MDIC (2015) descreve o Comércio Exterior como um setor condutor à competitividade, gerador de renda e um dos agentes responsáveis pelo desenvolvimento econômico do país.

No mundo globalizado, no qual as operações comerciais estão interligadas e difusas entre diferentes nações, torna-se necessário que países estabeleçam elos comerciais com outras nações por meio do comércio exterior. Desta forma, este trabalho aborda a integração comercial de Santa Catarina com a África do Sul.

No período de 2003 a 2010, o Brasil passou a assumir uma postura de aproximação com países em crescimento, dentre estes se destaca a aproximação com África do Sul, país que ficou conhecido como parceiro estratégico do Brasil. No decorrer dos anos, a África do Sul manteve a posição de parceiro estratégico, e atualmente é descrita pelo Governo Federal como um parceiro prioritário para os



RELISE

96

períodos de 2015 a 2018, mencionado no Plano Nacional de Exportações - PNE (MDIC, 2016).

Nota-se, portanto que a relevância deste tema estende-se não somente para seus impactos perante a economia doméstica, mas também para os impactos da integração do Brasil com a África do Sul, bem como para geração de informações mercadológicas relevantes para fomentação do comércio exterior entre Santa Catarina e África do Sul, identificando oportunidades de negócio entre os sujeitos em questão.

Além disso, Brasil e África do Sul mantém pauta de relações bilaterais extensas, sendo que o comércio entre estes países progrediu em cerca de 300% em pouco mais de uma década. (MRE, 2016). O MRE destaca que sua coadjuvação com a África do Sul encontra-se estendida por meio de relações multilaterais, como por exemplo, as estabelecidas no bloco econômico BRICS – Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul.

Tendo em conta o enfoque deste estudo na integração comercial de Santa Catarina com a África do Sul, nota-se que Santa Catarina, estado localizado no sul do Brasil, vem sendo destaque em termos de exportações, de modo que é um dos maiores produtores e exportadores do Brasil de carne de frango e de suínos, aproximadamente 11% das exportações brasileiras de frango são provenientes deste estado (FIESC, 2016).

O estado ocupa a posição de líder de toda América Latina na produção de cerâmicas para revestimento, sendo o segundo maior exportador do Brasil do produto em questão. E ainda, o estado é destaque na produção e exportação de móveis, artigos têxteis e de vestuário, sendo o maior exportador brasileiro de artigos de vestuário de algodão e malha (FIESC, 2016).

Neste contexto, emerge a pergunta que norteia a presente pesquisa: *Qual é a relevância da integração comercial de Santa Catarina com a África do Sul em termos de indicadores de comércio internacional, no período de 2005 a 2015?* Para



RELISE

97

responder a esta indagação, tem-se como objetivo geral analisar a integração comercial de Santa Catarina em relação à África do Sul por meio do índice de vantagens comparativas de Bassala (1965), taxa de cobertura e o índice de comércio intraindústria de Grubel e Lloyd (1975). Para tanto, tem-se como objetivos específicos: a) aferir o índice de vantagens comparativas proposto por Balassa (1965) para determinar os setores sob os quais Santa Catarina possui vantagem comparativa em relação à África do Sul; b) verificar a taxa de cobertura entre as exportações e importações de Santa Catarina para África do Sul determinando os pontos fortes e fracos desta relação comercial; c) calcular o índice de comércio intraindústria proposto por Grubel e Lloyd (1975).

Nos últimos anos, os indicadores de comércio internacional têm sido abordados em alguns estudos com o objetivo de se conhecer a estrutura do comércio internacional e suas tendências. O presente estudo aborda os indicadores de comércio internacional para atingir os objetivos propostos, visto que os indicadores possibilitam a identificação das inclinações do comércio exterior e sua estrutura, sinalizando possíveis setores que possuem vantagens nos períodos de 2005 a 20015.

Além disso, os indicadores de comércio internacional possibilitam a identificação de oportunidades de negócios que poderão servir como informações relevantes para amparar tomadas de decisões de empresários catarinenses que tenham a intenção de estabelecer trocas comerciais com a África do Sul (BORGES; FRAGA, 2015). E ainda, será possível identificar pontos fortes e fracos desta relação comercial, sinalizando a colocação de produtos e serviços potenciais na economia sul-africana (HIDALGO, 1998).

Na sequencia será abordada uma síntese da evolução teórica do comércio internacional a fim de situar o início das trocas comerciais entre países e suas características.



RELISE

98

COMÉRCIO INTERNACIONAL: UMA SÍNTESE DA EVOLUÇÃO TEÓRICA

O comércio internacional pode ser definido como o aglomerado de transações praticadas entre países de forma que ocorra trocas de bens, serviços ou movimentação de capitais, estas trocas são embasadas por normas definidas em acordos estabelecidos por organismos internacionais, como por exemplo, a Organização Mundial do Comércio (OMC) (LOPEZ; GAMA, 2011).

Para Lopez e Gama (2011), o comércio exterior é definido como a relação comercial de uma nação com outras, de maneira que as relações podem ser motivadas por prioridades, demandas, limitações, com o intuito de operar de acordo com os interesses do país, sem esbarrar com as regras estabelecidas por organismos do comércio internacional.

Ratti (2001) afirma que uma das principais motivações do comércio internacional é a incapacidade de um país produzir de forma vantajosa todos os bens e serviços que necessita. Essa incapacidade pode ser atribuída a diversos fatores como falta de recursos naturais, clima desfavorável, carência no solo ou em formas produtivas. Neste sentido, observa-se que países passam a se relacionar por meio de trocas comerciais para, dentre outros fatores, suprir suas necessidades.

Nesta conjuntura, o comércio entre as nações expressa um amplo crescimento desde a Segunda Guerra Mundial, período em que países tinham várias demandas, mas em contra partida apresentavam escassez de recursos para atender suas necessidades devido à devastação causada no pós-guerra (LOPEZ; GAMA, 2011).

O cenário pós Segunda Guerra foi um marco para o início do comércio internacional, visto que neste período estabeleceu-se o reordenamento econômico mundial. De acordo com Racy et al. (2006, p. 10) “[...] O desenvolvimento do sistema mundial no pós-guerra, configurando nova ordem de relacionamentos e culminando na globalização, foi motivo para desenvolvimento de perspectivas de análises das Relações Internacionais”.



RELISE

99

Com o anseio de fomentar o livre comércio mundial e garantir investimentos nos países devastados pelo pós-guerra, diversas nações sob a liderança dos Estados Unidos e Reino Unido reuniram-se em 1944 na Conferência Internacional de *Bretton Woods*. Neste cenário, originaram organismos fundamentais para o comércio internacional, como o Banco Mundial (BIRD) e o Fundo Monetário Internacional (FMI) (LOPEZ; GAMA, 2011).

Três anos depois, em 1947 foi estabelecido o Acordo Geral sobre Tarifas e Comércio (GATT), que normatizava regras e concessões sobre tarifas. (LOPEZ; GAMA, 2011). Abreu (2007) destaca que o Brasil pode ser considerado um agente de certa forma ativo nas negociações que procederam ao GATT. Lopez e Gama (2011) ressaltam que não haveria trocas internacionais sem as normas estabelecidas inicialmente no GATT. Observa-se que a compreensão deste momento histórico evidencia e proporciona o entendimento do início das relações externas entre países, visto que o reestabelecimento ocorrido no Pós Guerra Mundial, esculpiu o sistema internacional e seus desmembramentos atuais (RACY et al. 2006).

A criação da Organização Mundial do Comércio (OMC) foi outro momento histórico importante para a fomentação das relações comerciais. De acordo com o Ministério das Relações Exteriores (MRE, 2016), a OMC teve sua criação oriunda do GATT, visto que no contexto deste acordo, sucederam-se oito rodadas de negociações comerciais, com o propósito de produzir a constante diminuição de tarifas e outras barreiras frente ao comércio. A oitava rodada, definida como Rodada do Uruguai resultou na criação da OMC no ano de 1995.

Desde sua criação, a OMC é reconhecida como principal foro de gestão do comércio multilateral (MRE, 2016). Witker (2006) salienta que a finalidade central da OMC é garantir que as trocas comerciais de bens e serviços fluam com autonomia, liberdade, igualdade e previsibilidade.



RELISE

O marco zero do Comércio Exterior no Brasil é o ano de 1808, quando o príncipe regente de Portugal, D. João, assinou em Salvador a Carta de Abertura dos Portos das Nações Amigas. Esse fato encerra o pacto colonial e inaugura no Brasil um período de liberdade econômica e comercial. Desde então, o MDIC registra a evolução das trocas comerciais brasileiras com outros países até dias atuais. No período de abertura comercial do Brasil, o país apresentou uma tendência para importações, de modo que a balança comercial apresentou-se com déficit durante toda primeira década de abertura comercial, com exceção apenas do ano de 1816, quando exportações e importações se igualaram (MDIC, 2016).

No decorrer de sua história, o Brasil passou a apresentar oscilações entre os níveis de exportações e importações. Entre os períodos de 1950 a 2013, há uma variação entre os níveis de exportações e importações brasileiras, no ano de 2012 a balança comercial apresentou um superávit de U\$\$ 19,39 bilhões, em 2013 expressou um saldo de U\$\$ 2,29 bilhões. Já em 2014, observa-se um déficit de U\$\$ 4,05 bilhões (MDIC, 2016).

Em 2015, nota-se, que houve um superávit comercial de U\$\$ 19,68 milhões, e observa-se que este período foi considerado de recessão, no qual se apresentou queda tanto nos níveis de importação quanto de exportação. O superávit pode ser atribuído ao fato de que as importações apresentaram maior queda em relação às exportações (MDIC, 2016).

SANTA CATARINA: CARACTERÍSTICAS E PRINCIPAIS INDICADORES ECONÔMICOS

O estado de Santa Catarina localiza-se na região Sul do país, contando com uma área territorial de aproximadamente 95 mil km², representando 1,12% da área do Brasil (SECRETARIADO DO ESTADO DA FAZENDA, 2016).

De acordo com dados da Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina (FIESC, 2015), Santa Catarina conta com uma posição de destaque em



RELISE

101

termos de parque industrial. A indústria de transformação encontra-se na posição de 4º lugar em todo país quanto à quantidade de empresas, e 5º lugar em relação ao número de postos de trabalho. O setor de vestuário e alimentar são os que mais empregam, e em 2014 o estado foi líder na geração de novos postos de trabalho em todo o Brasil.

Em termos de Produto Interno Bruto (PIB), Santa Catarina possui o sexto melhor desempenho do país, totalizado em 2012 em 177 bilhões de reais. O setor primário envolve 4,3% do PIB, o secundário 33,7% e o terciário 62,1% (FIESC, 2015).

A economia da indústria catarinense é diversificada em polos e setores, concedendo ao estado um desenvolvimento nivelado entre as suas regiões. Ainda, a estrutura portuária dispõe de cinco portos por onde escoam suas exportações e importações, os quais são Navegantes, Itajaí, São Francisco do Sul, Itapoá, e Imbituba. O porto de Laguna volta-se para a atividade pesqueira (FIESC, 2015).

Além disso, a produção e exportação de carnes suína e de frango catarinenses apresentam notoriedade frente aos dados do país, cerca de 11% das exportações de frango do Brasil são provenientes do estado catarinense. Ainda, de acordo com a FIESC (2016), a maior processadora e exportadora mundial de carne de frango é catarinense.

O estado tem destaque no fornecimento mundial de motores, geradores elétricos, compressores para refrigeração, bem como eletrodomésticos e equipamentos odontológicos. Em relação à produção de cerâmicas para revestimento, Santa Catarina ocupa posição de líder da América Latina (FIESC, 2016).

A indústria catarinense do ramo moveleiro e de produtos têxteis, bem como de artigos de vestuário também ocupa uma posição relevante perante as exportações brasileiras, ocupando a posição de terceiro maior exportador de móveis do Brasil, e líder brasileiro nas exportações de portas de pinus e batentes. Ainda, o



RELISE

102

estado ocupa a posição de maior exportador brasileiro de roupas de toucador, cozinhas, de tecidos de algodão e camisetas de malha (FIESC, 2016).

Nota-se na Tabela 1 que Santa Catarina e África do Sul mantêm relações comerciais estabelecidas, de modo que durante os períodos de 2005 a 2015, Santa Catarina apresentou sobreposição de suas exportações à África do Sul frente às importações feitas deste país (MDIC, 2016).

Tabela 1: Saldo comercial entre Santa Catarina e África do Sul nos períodos de 2005 a 2015

Ano	Exportações U\$\$	Importações U\$\$	Resultado
2015	151.146.187	33.898.024	117.248.163
2014	161.786.556	105.334.515	56.452.041
2013	176.064.756	136.868.965	39.195.791
2012	227.964.286	124.141.009	103.823.277
2011	259.030.805	116.860.580	142.170.225
2010	187.938.264	86.319.311	101.618.953
2009	189.352.924	24.399.495	164.953.429
2008	205.104.465	24.927.477	180.176.988
2007	189.515.344	10.605.538	178.909.806
2006	147.077.924	10.710.517	136.367.407
2005	148.485.361	10.721.274	137.764.087

Fonte: Aliceweb (2016)

A Tabela 1 demonstra que o fluxo comercial entre Santa Catarina e África do Sul manteve um saldo positivo entre os períodos de 2005 a 2015, sendo que a maior alta no valor exportado foi no ano de 2011, enquanto que o maior valor importado por Santa Catarina se deu no ano de 2013.

Recentemente, em Fevereiro de 2016, o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) divulgou que está em pauta de negociação com a África do Sul o certificado sanitário para a carne suína in natura, visto que atualmente a certificação tem validade somente para carne suína processada, o que pode ser mais uma oportunidade de mercado entra Santa Catarina e África do Sul (MAPA, 2016).



RELISE

103

Nota-se, portanto que Santa Catarina, além de ser um estado de alta notabilidade frente às exportações brasileiras, manteve um saldo comercial positivo e constante durante os períodos analisados em relação à África do Sul, apresentando sobreposição das exportações em relação às importações feitas deste país.

Na sequencia serão abordadas as características populacionais e econômicas da África do Sul, país o qual é foco deste estudo em termos de integração comercial com Santa Catarina.

ÁFRICA DO SUL: CARACTERÍSTICAS POPULACIONAIS E ECONÔMICAS ESUA RELAÇÃO COM O BRASIL

A África do Sul é um país localizado no extremo sul do continente africano, entre os oceanos Índico e Atlântico. Segundo o relatório mais recente publicado pelo Banco Mundial, *Doing Business*, o país possui 54.001.953 habitantes. A população sul-africana é diversificada em termos de cultura e etnias. A Etnia negra representa 80,2% da população, seguidas pela etnia mista com 8,8%, branca com 8,2% e Indiana/Asiática com 2,5%. (CIA, 2016).

De acordo com *The World Fact Book* (2016), a população sul-africana pode ser considerada jovem, de modo que 41,07% da população tem idade entre 25 a 54 anos, 28,43% possui de 0 a 14 anos, 18,52% representam a população de 15 a 24 anos, e 6,53% têm de 55 a 64 anos, e 5,46% possuem 65 anos e mais. Ademais, de acordo com *The World Fact Book* (2015), a população urbana representa 64,8% do total. Outro ponto que representa a pluralidade cultural da África do Sul são as línguas oficiais, atualmente a Constituição Federal do país reconhece 11 línguas oficiais, sendo inglês uma delas. (CIA, 2016).

A Tabela 2 apresenta os principais indicadores socioeconômicos da África do Sul, divulgados em Fevereiro de 2016 pelo MRE em conjunto com o



RELISE

104

Departamento de Promoção Comercial e Investimento (DPR), e Divisão de Inteligência Comercial (DIC).

Tabela 2 – Principais Indicadores da África do Sul no período de 2013 a 2017

Indicador	2013	2014	2015 ¹	2016 ¹	2017 ¹
Crescimento real do PIB (%)	2,21%	1,53%	1,40%	1,34%	2,11%
PIB nominal (US\$ bilhões)	366,24	350,08	317,29	326,54	340,53
Inflação (%) ²	5,40%	5,78%	5,50%	5,70%	5,60%
Câmbio (R / US\$) ²	10,49	11,54	15,01	16,05	17,08

Fonte: MRE (2016)

Na Tabela 2, o símbolo “(1)” apresenta-se como estimativas do Fundo Monetário Internacional (FMI) e *Economist Intelligence Unit* (EIU). O símbolo “(2)” apresenta-se como média do fim do período.

Ao analisar o Crescimento Real do Produto Interno Bruto (%) apresentado na Tabela 1, percebe-se um declínio a partir de 2013, porém existe uma estimativa de crescimento para 2017. O indicador de Produto Interno Bruto Nominal em US\$ demonstra uma queda nos anos de 2014 e 2015, com estimativa de elevação em 2016 e 2017. A inflação está estimada para 2016 em 5,70%, passando para 5,60% em 2017, ou seja, com estimativa de queda. Além disso, nota-se que há uma desvalorização da moeda local, *Rand*, frente ao dólar.

Diante da análise, nota-se que houve uma desaceleração econômica no período de 2014 e 2015. Entretanto observa-se a existência de perspectivas de melhora nos níveis de crescimento do PIB e diminuição no nível de inflação para os anos de 2016 e 2017, o que pode ser um fator positivo para o comércio entre países.

Em relação ao intercâmbio comercial entre Brasil e África do Sul, o MRE registra um aumento de aproximadamente 300% em pouco mais de uma década. O Ministério destaca ainda que as relações bilaterais englobam diferentes temas como administração pública, agricultura, ciência e tecnologia, comunicações, defesas, energia, meio ambiente, saúde e segurança alimentar.



RELISE

Na cronologia das relações bilaterais do Brasil com África do Sul, destaca-se o ano de 1918, quando há a abertura do Consulado do Brasil no país citado. Em 1948 são estabelecidas relações diplomáticas e é inaugurada a Representação brasileira na cidade de Pretória, que posteriormente seria convertida em Embaixada. (MRE, 2016).

Atualmente, o MRE descreve a África do Sul como um dos países que o Brasil estabeleceu “Parceria Estratégica”. Nas relações multilaterais, Brasil e África do Sul estendem sua cooperação por meio de grupos como: Fórum de Diálogo Índia, Brasil e África do Sul (IBAS); Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul (BRICS); Brasil, África do Sul, Índia e China (BASIC); G20 financeiro e G20 comercial. (MRE, 2016).

Ainda, a África do Sul faz parte da União Africana da África Austral (SACU), cuja união conta com Namíbia, Botsuana, Lesoto e Suazilândia, com a qual o Mercosul em 2008 instituiu acordo de preferências tarifárias fixas (MAPA, 2016).

Além disso, o Brasil conta com o Plano Nacional de Exportações (PNE) 2015-2018, cujo programa compila políticas comerciais do Brasil com o propósito de retomar o desenvolvimento econômico e agregar valor e tecnologia às exportações brasileiras. (MDIC, 2015). O PNE dispõe de diretivas e objetivos que visam basicamente o crescimento do comércio exterior do Brasil, setor descrito pelo governo como condutor à competitividade, gerador de renda e um dos agentes responsáveis pelo desenvolvimento econômico do país. (MDIC, 2015).

Dentre as diretivas e metas, o PNE apresenta um tópico destinado ao acesso de mercados. Neste sentido, o Governo Federal menciona como conduta do Brasil ampliação no acesso aos mercados de parceiros tradicionais e emergentes, atuação junto ao sistema multilateral, atuação junto ao Mercosul, além de destacar fortalecimento das relações comerciais com parceiros prioritários, os quais são: União Europeia, Estados Unidos, China, Rússia, Índia, África do Sul e países da América Latina (MDIC, 2015).



RELISE

106

Nota-se, portanto que a África do Sul é citada no PNE como um dos parceiros comerciais prioritários do Brasil de 2015 a 2018. Na Tabela 3 têm-se o histórico do intercâmbio comercial entre Brasil e África do Sul entre 2000 e 2015.

Tabela 3: Intercâmbio Comercial Brasil e África do Sul: 2000 a 2015

Anos	EXPORTAÇÃO			IMPORTAÇÃO			RESULTADO
	US\$ FOB (A)	Var.%	Part. %	US\$ FOB (B)	Var.%	Part. %	SALDO (A-B)
2000	55.118.919.865	0,00	100,00	55.850.663.138	0,00	100,00	-731.743.273
2001	58.286.593.021	5,75	100,00	55.601.758.416	-0,45	100,00	2.684.834.605
2002	60.438.653.035	3,69	100,00	47.242.654.199	-15,03	100,00	13.195.998.836
2003	73.203.222.075	21,12	100,00	48.325.566.630	2,29	100,00	24.877.655.445
2004	96.677.498.766	32,07	100,00	62.835.615.629	30,03	100,00	33.841.883.137
2005	118.529.184.899	22,60	100,00	73.600.375.672	17,13	100,00	44.928.809.227
2006	137.807.469.531	16,26	100,00	91.350.840.805	24,12	100,00	46.456.628.726
2007	160.649.072.830	16,58	100,00	120.617.446.250	32,04	100,00	40.031.626.580
2008	197.942.442.909	23,21	100,00	172.984.767.614	43,42	100,00	24.957.675.295
2009	152.994.742.805	-22,71	100,00	127.722.342.988	-26,17	100,00	25.272.399.817
2010	201.915.285.335	31,98	100,00	181.768.427.438	42,32	100,00	20.146.857.897
2011	256.039.574.768	26,81	100,00	226.246.755.801	24,47	100,00	29.792.818.967
2012	242.578.013.546	-5,26	100,00	223.183.476.643	-1,35	100,00	19.394.536.903
2013	242.033.574.720	-0,22	100,00	239.747.515.987	7,42	100,00	2.286.058.733
2014	225.100.884.831	-7,00	100,00	229.154.462.583	-4,42	100,00	-4.053.577.752
2015	191.134.324.584	-15,09	100,00	171.449.050.909	-25,18	100,00	19.685.273.675

Fonte: MDIC (2016)

Na Tabela 3, verifica-se que o saldo comercial entre Brasil e África do Sul permaneceu positivo na maior parte do período analisado, com exceção apenas dos anos de 2000 e 2014. A maior alta no valor exportado é observada no ano de 2011, quando bate a casa de 256 bilhões, já a maior alta no montante importado é no ano de 2013, quando o nível chega a 239 milhões.

Na sequência serão abordados os Indicadores de Comércio Internacional os quais serão base para este estudo acerca da integração comercial de Santa Catarina com a África do Sul.



RELISE

107

INDICADORES DE COMÉRCIO INTERNACIONAL

Este estudo tem como base os indicadores de comércio internacional auferidos nesta investigação por meio do índice de vantagens comparativas de Bassala (1965), taxa de cobertura e comércio intraindústria proposto por Grubel e Lloyd (1975). Versa o intento de se conhecer a estrutura do intercâmbio comercial de Santa Catarina em relação à África do Sul a fim de identificar os pontos fortes desta relação comercial, bem como oportunidades de negócios entre os sujeitos em questão. Na sequência serão abordados cada um dos indicadores mencionados.

Índice de Vantagens Comparativas

Borges e Fraga (2015) mencionam que o Indicador de Vantagens Comparativas (VCR) de Bassala demonstra o nível de desenvolvimento competitivo de cada setor de um país, de forma que evidencie os setores sobre os quais um país possua vantagens comparativas, tendo como base medidas pós-comércio.

Fiestel et al. (2014) descrevem que este índice faz o cálculo da participação de um determinado produto de um país em comparação com as exportações do mesmo produto em uma zona de referência. E ainda, é revelada a participação deste quociente em relação às participações totais de determinado país com as exportações totais da zona de referência. Dessa forma, o VCR, é definido pela expressão apresentada na Fórmula 1 a seguir:

Fórmula 1: Índice de Vantagens Comparativas de Bassala

$$VCR_{ij} = \frac{X_{ij} / X_{iz}}{X_j / X_z}$$

Fonte: Bassala (1965).

Nesta pesquisa J representa Santa Catarina e Z representa o Brasil. De modo que X na base ij evidencia o valor das exportações do produto i realizadas por Santa Catarina ao país j , neste caso África do Sul. X na base iz refere-se ao valor



RELISE

das exportações do produto i realizadas pelo país ou zona de referência z Brasil para a África do Sul. X na base j define-se como o valor total das exportações de Santa Catarina ao país j África do Sul. X na base z representa o valor total das exportações do país ou zona de referência Brasil à África do Sul (BORGES; FRAGA, 2015).

Quando o indicador apresenta índice maior que uma unidade, significa que o produto ou setor i tem vantagem comparativa revelada. Já quando o indicador revela índice menor que 1, o setor ou produto i evidencia desvantagem comparativa revelada (FIESTEL et al. 2014).

Taxa de Cobertura

A Taxa de Cobertura (TC) determina os pontos fortes e fracos de um fluxo comercial entre regiões e países. Este indicador é definido como a divisão das exportações do produto i com as importações do mesmo produto de um país ou região conforme equação descrita na Fórmula 2 (ANDRADE; GOMES, 2014).

Fórmula 2: Taxa de Cobertura

$$TC = \frac{X_i}{M_i}$$

Para este estudo X_i representa as exportações do produto i de Santa Catarina para a África do Sul. Enquanto que M_i são as importações do produto i feitas por Santa Catarina da África do Sul.

Os produtos que apresentarem índice de vantagem comparativa revelada e taxa de cobertura maior que 1 concomitantemente são destacados como pontos fortes de uma economia. Os pontos fracos são aqueles que representam ao mesmo tempo desvantagem comparativa revelada e taxa de cobertura menor que 1, definindo-se como produto de baixa notabilidade no determinado país (GUTMAN; MIOTTI, 1996).



RELISE

Hidalgo (1998) destaca que quando são comparados os pontos fortes de um país com os pontos fracos de outro, é possível verificar potencialidades de inserção de produtos ou serviços de um país com outro.

Comércio Intraindústria

Este indicador apresentado por Grubel e Lloyd (1975) visa categorizar as atividades comerciais empregadas por um país em intraindustrial ou interindustrial. Este índice representa a parcela de exportações de uma indústria que é compensada pelas importações da mesma indústria (BORGES; FRAGA, 2015).

Em termos de países, Fiestel et al. (2014) descrevem que o comércio intra-setor refere-se a trocas comerciais simultâneas em um mesmo setor econômico, ou seja, importações e exportações concomitantes. O comércio intersetorial representa as trocas comerciais de produtos de diferentes setores, em um mesmo período de tempo empregados em dois mercados distintos, de modo que identifique as vantagens comparativas de um sobre o outro. De forma numérica, este indicador é representado pela expressão apresentada na Fórmula 3.

Fórmula 3: Indicador de Comércio Intraindústria

$$G - L = 1 - \frac{\sum_i^n |X_i - M_i|}{\sum_i^n (X_i + M_i)}$$

Fonte: Grubel e Lloyd (1975).

X na base i representa as exportações do produto i . E M na base i indica as importações do mesmo produto. O valor deste indicador pode oscilar entre 0 e 1. Se o valor for de 0 a 0,5 classifica-se como interindústria. Já se o valor for de 0,5 a 1 será definido como intraindústria.

Silva e Montalván (2008) mencionam que o comércio interindustrial é caracterizado por exportações de produtos primários, que carecem de recursos naturais mão de obra intensiva. Já as importações de um comércio exterior interindustrial se definem por produtos manufaturados com certo grau tecnológico.



RELISE

Em convergência, Fiestel et al. (2014) destacam que o comércio intersetorial representa trocas de produtos diferentes em um dado período, refletindo as vantagens comparativas de uma economia. O comércio intraindustrial se caracteriza por trocas de produtos de um mesmo setor (SILVA; MONTALVÁN, 2008). Fiestel et al (2014) mencionam que um comércio exterior intraindustrial é representado por economias de escala e pela diferenciação de produtos. O autor menciona que normalmente economias com renda per capita semelhante tendem a realizar trocas intraindustrial com intensidade.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Quanto à natureza do objetivo, o presente estudo caracteriza-se como de natureza descritiva, uma vez que o estudo busca conhecer a estrutura do intercâmbio comercial de Santa Catarina em relação à África do Sul para identificar sua relevância em termos de trocas comerciais. Gil, (2010), menciona que este tipo de pesquisa tem como propósito descrever atributos de determinado grupo e de detectar possíveis relações entre variantes. Neste viés, a presente pesquisa descreve a integração comercial entre Santa Catarina e África do Sul, e também identifica as relações entre os sujeitos em questão.

Gil (2010) menciona que é essencial que se saiba como os dados foram alcançados e de que forma foram analisados. Neste sentido, a abordagem da pesquisa classifica-se como quantitativa, visto que os resultados são estabelecidos com base em dados estatísticos alcançados por meio de fórmulas matemáticas de comércio internacional.

Em relação ao método empregado na pesquisa define-se como estudo multicasos (Santa Catarina e África do Sul). De acordo com Yin (2001) pesquisa multicasos é aquela que abrange mais de uma variável, neste caso mais de um país.

A técnica de coleta de dados se deu por meio da análise de conteúdo disponibilizada nos sítios eletrônicos do MDIC, Agência brasileira de Promoção de



RELISE

111

Exportações e Investimentos (APEX), Alice Web e Secretaria de Comércio Exterior (SECEX). Os dados foram classificados em 14 grupos de produtos, os quais englobam todos os capítulos do Sistema Harmonizado de classificação de mercadorias (SH), por meio do critério de agregação de Thorstensen et al (1994) conforme Tabela 4.

Os dados coletados conforme critério de Thorstensen et al (1994) foram compilados em planilhas de Excel para posterior utilização na aplicação nas fórmulas matemáticas dos indicadores de comércio internacional.

As técnicas de análise dos dados definem-se pela aplicação de indicadores tradicionais de comércio internacional de vantagens comparativas de Bassala (1965); taxa de cobertura e comércio intraindústria proposto por Grubel e Lloyd (1975). Os dados coletados e compilados no passo anterior foram aplicados nas expressões matemáticas definidas por cada autor, de modo a gerar resultados estatísticos para análise deste estudo.



RELISE

112

Tabela 4 - Critério de classificação dos capítulos da NCM, de acordo com grupos de produtos

GRUPOS DE PRODUTOS	CAPÍTULOS DA NCM	DESCRIÇÃO
Alimentos, fumo e bebidas	01 a 24	Produtos de origem animal: animais vivos, carnes, peixes, laticínios, ovos. Produtos de origem vegetal: plantas, vegetais, frutas, café, chá, cereais, amidos, trigo, grãos, sementes, gomas, gorduras, e óleos de origem animal e vegetal. Produtos alimentares, bebidas e fumo: carnes preparadas, açúcares, cacau, farinhas, preparados de cereais, pastelaria, preparados de frutas ou vegetais, bebidas alcoólicas ou não e fumo.
Minerais	25 a 27	Sal, enxofre, gesso, cal, cimento, minérios, combustíveis e ceras minerais.
Produtos químicos	28 a 38	Inorgânicos, orgânicos, farmacêuticos, fertilizantes, tintas, óleos, essenciais, sabões, ceras, colas, pólvora e produtos para fotografia.
Plásticos e Borracha	39 a 40	Produtos plásticos e borracha.
Calçados e couros	41 a 43 e 64 a 67	Calçados, chapéus, guarda-chuvas, peles e obras de couro.
Madeira e carvão vegetal	44 a 46	Madeira, cortiça e obras de madeira.
Papel e celulose	47 a 49	Papel e impressos.
Têxtil	50 a 63	Fio, tecelagem e confecções.
Minerais não metálicos	68 a 72	Obras de pedra, cerâmica e vidro, pérolas, pedras preciosas e metais preciosos.
Metais comuns	73 a 83	Ferro e aço, cobre, níquel, alumínio, chumbo, zinco, estanho e ferramentas.
Máquinas e equipamentos	84 a 85	Máquinas e equipamentos elétricos
Material de transporte	86 a 89	Veículos de transporte, automóveis, tratores, aeronaves e embarcações.
Ótica e instrumentos	90 a 92	Ótica, fotografia e instrumentos de medida e controle.
Outros	93 a 99 e 00	Armas e munições, mercadorias diversas, móveis, iluminação, brinquedos, produtos de esporte e objetos de arte.

Fonte: critério de classificação de THORSTENSEN et. al. (1994 p, 50- 51)

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nesta sessão serão abordados os resultados das aplicações dos indicadores de vantagens comparativas de Bassala (1965), taxa de cobertura e comércio intraindústria proposto por Grubel e Lloyd (1975).

Na Tabela 5 estão descritos os resultados do índice de vantagens comparativas reveladas por grupos de produtos. Hidalgo (1998) menciona que uma vez que uma região exporta um alto volume de determinado item em relação ao que



RELISE

113

o país exporta do mesmo item, demonstra que a região possui vantagem comparativa revelada na produção daquele determinado bem.

Neste sentido, nota-se que Santa Catarina apresentou vantagem comparativa revelada em relação à África do Sul durante todo período analisado nos grupos de alimentos e bebidas bem como no grupo de máquinas e equipamentos. Madeira e mobiliário também apresentou vantagem comparativa revelada durante os períodos de 2007 a 2010 e de 2012 a 2015. Papel e celulose demonstrou ter vantagem comparativa nos anos de 2008 e de 2012 a 2015.

Os grupos de produtos têxteis e de minerais não metálicos apresentaram vantagem comparativa revelada apenas nos períodos de 2005 e 2006, nos demais anos analisados apresentaram desvantagem comparativa revelada. Nota-se que quando o indicador revela índice menor que 1, o setor ou produto em questão evidencia desvantagem comparativa revelada (FIESTEL et al, 2014).

Produtos pertencentes ao grupo de ótica e instrumentos demonstraram vantagem comparativa revelada nos anos de 2012, 2013 e 2015. Minerais, produtos químicos, plásticos e borrachas, calçados e couros, metais comuns, materiais de transportes e outros apresentaram desvantagem comparativa relevada em relação ao comércio de Santa Catarina com a África do Sul durante todo período analisado.

Observa-se que os resultados apurados estão em concordância com o estudo de Borges e Fraga (2015) acerca da integração comercial da região sul com o Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul - BRICS, o qual também aferiu vantagem comparativa revelada da região Sul com o BRICS nos períodos de 2000 a 2012 nos produtos de alimentos e bebidas e máquinas e equipamentos. Já no estudo de Silva e Montalván (2008) em relação às exportações do Rio Grande do Norte observou-se que aquele estado apresentou vantagem comparativa revelada no grupo de produtos: peixes, crustáceos, frutas entre outros.

E ainda, em confluência, nota-se que no estudo de Borges e Fraga (2015), a região sul do Brasil também apresentou desvantagem comparativa revelada nos



RELISE

114

períodos de 2000 a 2012 em relação aos países do BRICS nas categorias de minerais e materiais de transporte. Entretanto, na categoria de calçados e couros o estudo de Borges e Fraga apontou vantagem comparativa revelada em todo o período diferentemente dos resultados encontrados nesta pesquisa.

Tabela 5 – Índice de Vantagens Comparativas Reveladas por grupos de produtos, Santa Catarina para África do Sul (2005 -2015)

NCM -Grupo de Produtos	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015
01 a 24 Alimentos e Bebidas	2,078	2,152	1,447	1,439	1,591	2,062	1,640	1,599	1,311	1,558	1,414
25 a 27 Minerais	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,001	0,001	0,001	0,001	0,001	0,005
28 a 38 Produtos Químicos	0,504	0,531	0,643	0,499	0,431	0,449	0,495	0,509	0,426	0,307	0,327
39 a 40 Plásticos e Borracha	0,039	0,071	0,050	0,011	0,018	0,028	0,018	0,025	0,016	0,020	0,055
41 a 43 e 64 a 67 Calçados e Couros	0,144	0,154	0,141	0,153	0,120	0,049	0,124	0,228	0,165	0,156	0,100
44 a 46 Madeira e Mobiliário	0,391	0,581	1,582	1,380	1,229	1,454	0,990	1,883	1,998	2,353	2,061
47 a 49 Papel e Celulose	0,304	0,791	0,703	1,751	0,704	0,797	0,775	1,179	1,302	1,818	1,622
50 a 63 Têxtil	2,347	2,485	0,454	0,240	0,258	0,195	0,151	0,350	0,316	0,478	0,497
68 a 72 Minerais não-metálicos	1,854	1,093	0,706	0,362	0,234	0,459	0,260	0,110	0,087	0,529	0,655
73 a 83 Metais comuns	0,518	0,531	0,553	0,679	0,522	0,481	0,403	0,263	0,030	0,035	0,027
84 a 85 Máquinas e Equipamentos	1,303	2,084	2,769	2,624	2,333	2,130	2,541	2,907	4,120	3,026	3,553
86 a 89 Material de Transporte	0,110	0,085	0,042	0,018	0,017	0,001	0,005	0,010	0,038	0,046	0,039
90 a 92 Ótica e Instrumentos	0,785	0,682	0,497	0,843	0,872	0,894	0,604	1,144	2,124	0,542	1,033
93 a 99 Outros	0,824	0,850	0,278	0,203	0,004	0,081	0,028	0,006	0,051	0,007	0,030

Fonte: Adaptado do sistema Aliceweb do MDIC e Secex (2016)

Com o objetivo de adentrar a análise das vantagens comparativas reveladas entre Santa Catarina e África do Sul, foi calculada na Tabela 6 a seguir a taxa de cobertura, cujo cálculo concomitante com o VCR permite identificar quais são os produtos fortes e fracos desta relação comercial.

Segundo Rocha et al (2013) produtos que apresentarem concomitantemente VCR e TC maior que uma unidade são itens com alta representatividade, ou seja



RELISE

115

pontos fortes do fluxo comercial em questão, visto que as exportações sobrepõem as importações.

Produtos que apresentarem TC e VCR menor que uma unidade são considerados pontos fracos. Aqueles que se caracterizam por um indicador maior que 1 e outro menor que uma unidade são chamados de produtos neutros. De acordo com os autores, produtos classificados como pontos fortes possuem maiores chances de colocação no mercado internacional (ROCHA et al. 2013).

Observa-se na Tabela 6, que a TC demonstrou variação no período analisado. Apenas as categorias de produtos de alimentos e bebidas e máquinas e equipamentos apresentaram TC maior que 1 durante todo o período analisado. Produtos químicos evidenciaram TC positiva de 2005 a 2011. Metais comuns e materiais de transportes indicaram TC maior que 1 durante 7 dos 11 anos analisados. Ótica e instrumentos demonstraram TC positiva de 2006 a 2012, bem como no ano de 2015.

A partir da análise concomitante do VCR e TC desenvolveu-se na Tabela 7 os pontos fortes, fracos e neutros da relação comercial entre Santa Catarina e África do Sul.

Conforme indicado na Tabela 7, os produtos fortes da relação comercial entre Santa Catarina e África do Sul são alimentos e bebidas, bem como máquinas e equipamentos. Nota-se que estes produtos apresentaram-se como pontos fortes durante todo o período analisado, demonstrando-se, portanto como produtos catarinenses com grandes chances de inserção na África do Sul.

Outros produtos apresentaram-se como pontos fortes durante alguns dos períodos analisados os quais são: madeira e mobiliário em 2010 e 2015; papel e celulose em 2014; têxtil em 2006; minerais não metálicos em 2005 e 2006; e ótica e instrumentos em 2012 e 2015.



RELISE

116

Tabela 6 – Taxa de Cobertura por grupos de produtos, Santa Catarina para África do Sul (2005 - 2015)

NCM - Grupo de Produtos	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015
01 a 24 Alimentos e Bebidas	269,965	173,273	311,817	837,433	407,912	196,005	226,703	55,472	50,609	17,519	29,558
25 a 27 Minerais	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,002	0,002	0,002	0,001	0,002	0,008
28 a 38 Produtos Químicos	2,498	8,360	12,170	14,358	3,635	1,811	2,213	0,835	0,808	0,511	0,991
39 a 40 Plásticos e Borracha	0,091	2,026	0,157	0,005	0,007	0,004	0,002	0,005	0,001	0,001	0,045
41 a 43 e 64 a 67 Calçados e Couros	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	60,693	0,000	0,000	236,226
44 a 46 Madeira e Mobiliário	269,545	0,000	0,000	0,000	0,000	1199,506	0,000	0,000	0,000	0,000	457572,455
47 a 49 Papel e Celulose	5,036	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	20,313	0,000	0,000	1412,528	0,000
50 a 63 Têxtil	0,623	2,117	0,397	0,234	0,000	15,222	0,000	0,000	804,353	23,050	378,137
68 a 72 Minerais não-metálicos	5,590	1,566	3,879	1,559	0,351	0,058	0,081	0,030	0,063	0,084	0,110
73 a 83 Metais comuns	5,522	4,907	0,735	0,761	3,006	1,763	0,842	3,860	0,533	1,555	1,965
84 a 85 Máquinas e Equipamentos	66,836	69,282	76,166	146,191	206,920	92,053	127,395	74,396	73,542	124,879	105,751
86 a 89 Material de Transporte	0,000	0,000	0,000	0,000	26,339	726,809	5146,949	2360,540	1393,032	284,814	98,552
90 a 92 Ótica e Instrumentos	0,000	287,837	67,148	209,492	2229,729	576,453	12,387	95,345	0,000	0,000	289,760
93 a 99 Outros	0,000	0,000	841,913	0,000	0,000	13,674	0,000	0,000	0,000	0,311	3,065

Fonte: Adaptado do sistema Aliceweb do MDIC e Secex (2016)



RELISE

117

Tabela 7 - Pontos Fortes, Fracos e Neutros por grupos de produtos entre Santa Catarina e África do Sul (2005 -2015)

NCM -Grupo de Produtos	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015
01 a 24 Alimentos e Bebidas	forte										
25 a 27 Minerais	fraco										
28 a 38 Produtos Químicos	neutro	fraco	fraco	fraco	fraco						
39 a 40 Plásticos e Borracha	fraco	neutro	fraco								
41 a 43 e 64 a 67 Calçados e Couros	fraco	neutro	fraco	fraco	neutro						
44 a 46 Madeira e Mobiliário	neutro	fraco	neutro	neutro	neutro	forte	fraco	neutro	neutro	neutro	forte
47 a 49 Papel e Celulose	neutro	fraco	fraco	neutro	fraco	fraco	neutro	neutro	neutro	forte	neutro
50 a 63 Têxtil	neutro	forte	fraco	fraco	fraco	neutro	fraco	fraco	neutro	neutro	neutro
68 a 72 Minerais não-metálicos	forte	forte	neutro	neutro	fraco						
73 a 83 Metais comuns	neutro	neutro	fraco	fraco	neutro	neutro	fraco	neutro	fraco	neutro	neutro
84 a 85 Máquinas e Equipamentos	forte										
86 a 89 Material de Transporte	fraco	fraco	fraco	fraco	neutro						
90 a 92 Ótica e Instrumentos	fraco	neutro	neutro	neutro	neutro	neutro	neutro	forte	neutro	fraco	forte
93 a 99 Outros	fraco	fraco	neutro	fraco	fraco	neutro	fraco	fraco	fraco	fraco	neutro

Fonte: Adaptado do sistema Aliceweb do MDIC e Secex (2016)

Nota-se, entretanto que é preciso ter cautela ao analisar a TC de certos produtos, visto que em alguns casos as exportações são positivas enquanto que não há registros de importações, ou seja, as mesmas são nulas. Nestes casos o quociente das exportações com as importações matematicamente resultam em zero caracterizando um ponto neutro ou fraco, quando analisado conjuntamente ao VCR. Entretanto, quando analisados os valores separadamente percebe-se que as exportações sobrepõem as importações, as quais são nulas, podendo ser considerados pontos fortes ou neutros desta relação comercial por uma visão puramente interpretativa.

Neste viés, dentre os produtos analisados, os itens calçados e couros; madeira e mobiliário; papel e celulose; têxtil; material de transporte; ótica e instrumentos e outros apresentaram em algum dos períodos analisados exportações



RELISE

118

positivas e importações nulas. Portanto, para estes itens deve-se ter cautela ao classificá-los como ponto forte, fraco ou neutro.

Neste sentido, por meio de análise puramente interpretativa da TC – analisando períodos em que as exportações são positivas e importações nulas – os produtos calçados e couros podem ser classificados como pontos neutros durante todo o período analisado. Madeira e mobiliário podem ser considerado pontos fortes durante todo período, com exceção dos anos de 2005, 2006 e 2011, classificados como neutros. Papel e celulose podem ser enquadrados como fortes de 2012 a 2015, neutros em 2011, 2010 e 2009, e novamente fortes em 2008 e neutros no restante do período.

Têxteis, podem ser considerados neutros nos anos de 2012, 2011 e 2009. Material de transporte classificado como neutro durante todo o período. Ótica e instrumentos no viés interpretativo pode ser classificado como neutro em 2014 e 2005 e forte em 2013. E por fim, os produtos da categoria outros podem ser enquadrados como neutros nos anos de 2013, 2012, 2011, 2009, 2008, 2006 e 2005.

Em convergência, nota-se que no estudo de Borges e Fraga (2015), alimentos e bebidas também se apresentaram como uma categoria forte com grandes chances de inserção nos países do BRICS. Entretanto, enquanto calçados e couros apresentaram-se como pontos neutros neste estudo, na pesquisa feita acerca dos BRICS, esta categoria se apresentou como um ponto forte.

Na Tabela 8 têm-se o indicador de Comércio Intraindústria proposto por Grubel e Lloyd, o qual visa classificar o comércio de uma região ou país em intraindustrial ou interindustrial.

A partir deste indicador, nota-se que o comércio entre Santa Catarina e África do sul, em vias gerais, pode ser classificado como interindustrial, refletindo vantagens comparativas de um produto sobre o outro. Fiestel et. al. (2014) mencionam que um comércio interindustrial exprime as trocas comerciais realizadas



RELISE

119

entre duas economias distintas de produtos originários de diferentes setores, revelando vantagens comparativas de um sobre o outro.

Tabela 8 - Comércio Intraindústria proposto por Grubel e Lloyd (1975) entre Santa Catarina e África do Sul (2005 - 2015)

NCM -Grupo de Produtos	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015
01 a 24 Alimentos e Bebidas	0,00 7	0,01 1	0,00 6	0,00 2	0,00 5	0,01 0	0,00 9	0,03 5	0,18 1	0,10 8	0,06 5
25 a 27 Minerais	0,00 0	0,00 0	0,00 0	0,00 0	0,00 0	0,00 4	0,00 4	0,00 4	0,00 2	0,00 0	0,01 5
28 a 38 Produtos Químicos	0,57 2	0,21 4	0,15 2	0,13 0	0,43 1	0,71 1	0,62 2	0,91 0	0,89 4	0,67 6	0,99 6
39 a 40 Plásticos e Borracha	0,16 6	0,66 1	0,27 2	0,00 9	0,01 4	0,00 9	0,00 4	0,01 0	0,00 2	0,00 3	0,08 6
41 a 43 e 64 a 67 Calçados e Couros	0,00 0	0,03 2	0,00 0	0,00 0	0,00 8						
44 a 46 Madeira e Mobiliário	0,00 7	0,00 0	0,00 0	0,00 0	0,00 0	0,00 2	0,00 0	0,00 0	0,00 0	0,00 0	0,00 0
47 a 49 Papel e Celulose	0,33 1	0,00 0	0,00 0	0,00 0	0,00 0	0,00 0	0,09 4	0,00 0	0,00 0	0,00 1	0,00 0
50 a 63 Têxtil	0,76 8	0,64 2	0,56 8	0,80 5	0,00 0	0,12 3	0,00 0	0,00 0	0,00 2	0,08 3	0,00 5
68 a 72 Minerais não-metálicos	0,30 4	0,78 0	0,41 0	0,78 2	0,51 9	0,10 9	0,15 1	0,05 9	0,11 8	0,15 5	0,19 9
73 a 83 Metais comuns	0,30 7	0,33 9	0,84 7	0,86 4	0,49 9	0,72 4	0,91 4	0,41 2	0,69 6	0,78 3	0,67 5
84 a 85 Máquinas e Equipamentos	0,02 9	0,02 8	0,02 6	0,01 4	0,01 0	0,02 1	0,01 6	0,02 7	0,02 7	0,01 6	0,01 9
86 a 89 Material de Transporte	0,00 0	0,00 0	0,00 0	0,00 0	0,07 3	0,00 3	0,00 0	0,00 1	0,00 1	0,00 7	0,02 0
90 a 92 Ótica e Instrumentos	0,00 0	0,00 7	0,02 9	0,01 0	0,00 1	0,00 3	0,14 9	0,02 1	0,00 0	0,00 0	0,00 7
93 a 99 Outros	0,00 0	0,00 0	0,00 2	0,00 0	0,00 0	0,13 6	0,00 0	0,00 0	0,00 0	0,47 4	0,49 2

Fonte: Adaptado do sistema Aliceweb do MDIC e Secex (2016)

Nota-se que somente alguns itens apresentaram características de comércio intraindustrial, os quais são: produtos químicos nos anos de 2005 e de 2010 a 2015; plásticos e borrachas em 2006; têxteis de 2005 a 2008; minerais não metálicos em 2006, 2008 e 2009 e metais comuns em 2007, 2008, 2010, 2011 e de 2013 a 2015. Para este tipo de comércio, as trocas ocorrem entre produtos de um mesmo setor. Hidalgo (1998) menciona que o comércio intraindustrial consiste em trocas



RELISE

concomitantes de produtos de um mesmo ramo ou setor, verificado em economias de escala.

Da mesma forma, no estudo de Borges e Fraga (2015), África do Sul foi caracterizada como interindustrial nos períodos de 2000 a 2012. Para Rússia, Índia e China os fluxos comerciais ficaram mais próximos à classificação de comércio intraindustrial. No estudo de Melo (2010) acerca das exportações do Rio Grande do Norte classificou-se o perfil daquela região como interindustrial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho foram abordados os indicadores de vantagens comparativas de Balassa (1965), taxa de cobertura e o índice de comércio intraindústria de Grubel e Lloyd (1975) entre os períodos de 2005 a 2015 para identificar a relevância das trocas comerciais entre Santa Catarina e África do Sul com o intuito de analisar as inclinações e tendências comerciais de Santa Catarina com a África do Sul.

A partir da análise dos indicadores, constatou-se que o grupo de produtos pertencentes a alimentos e bebidas, bem como máquinas e equipamentos podem ser classificados como itens com os quais Santa Catarina possui vantagem comparativa sobre a África do Sul, sendo destaque durante todo o período analisado, considerados como produtos com maiores chances de inserção no mercado sul-africano. Em concordância, o estudo de Borges e Fraga (2015) também aferiu vantagem comparativa revelada da região Sul com o BRICS nos períodos de 2000 a 2012 nos produtos de alimentos e bebidas e em máquinas e equipamentos.

Por meio da análise puramente interpretativa da taxa de cobertura concomitante com o índice de vantagens comparativas, demonstrou-se que madeira e mobiliário podem ser considerado pontos fortes durante todo período, com exceção dos anos de 2005, 2006 e 2011, classificados como neutros. Papel e celulose podem ser enquadrados como fortes de 2012 a 2015, neutros em 2011, 2010 e 2009, e novamente fortes em 2008 e neutros no restante do período,



RELISE

121

demonstrando serem produtos que merecem a atenção por serem pontos fortes da relação comercial em questão.

Ainda, apurou-se por meio do indicador de comércio intraindústria, que as trocas comerciais entre Santa Catarina e África do Sul são basicamente interindustriais, o que indica trocas de produtos diferentes em um dado período, refletindo as vantagens comparativas de Santa Catarina sobre a África do Sul. O comércio intraindustrial, o qual se caracteriza por trocas de produtos de um mesmo setor foi observado apenas nos itens: produtos químicos; plásticos e borrachas; têxteis; minerais não metálicos e metais comuns. Observa-se que no estudo de Borges e Fraga (2015) o comércio da África do Sul com o BRICS também foi classificada como interindustrial nos períodos de 2000 a 2012.

Portanto, os resultados obtidos nas análises demonstram que o mercado sul-africano pode ser um importante parceiro catarinense quanto aos itens de alimentos e bebidas; máquinas e equipamentos; madeira e mobiliário bem como na categoria de papel e celulose. Demonstrou-se ainda, que o fluxo comercial dos sujeitos em questão baseia-se em vantagens comparativas de um sobre o outro.

Em relação às contribuições acadêmicas geradas por este estudo, destacou-se a continuidade dos estudos acadêmicos científicos em torno dos indicadores de comércio internacional, perpetuando a aplicação dos indicadores entre a região catarinense, de modo que se produziram informações mercadológicas relevantes acerca do comércio de Santa Catarina com a África do Sul.

No que diz respeito às limitações do estudo, notou-se limitado acesso a teorias acerca dos indicadores de comércio internacional, bem como complexidade na transcrição das fórmulas matemáticas dos indicadores em questão.

Sugere-se para futuras pesquisas a ampliação do estudo com outros indicadores de comércio internacional, os quais complementam a análise da integração comercial de um país ou região com outro.



RELISE

122

REFERÊNCIAS

ABREU, Marcelo de Paiva. **Comercio Exterior: Interesses do Brasil**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

ANDRADE, Bruno Alves; GOMES, Sonia Maria Fonseca Pereira. O Intercambio Comercial de Pernambuco com a Argentina, os Estados Unidos e a Venezuela: Concentração e Desempenho. Trabalho submetido ao **III Encontro Pernambucano de Economia** a ser realizado em Recife-PE, nos dias 20 e 21 de novembro de 2014.

BANCO MUNDIAL. **Brasil: Aspectos Gerais**. 2016. Disponível em: <<http://www.worldbank.org/pt/country/brazil/overview>>. Acesso em 01 de maio 2016.

_____. **Doing Business: África do Sul**. 2016. Disponível em: <<http://portugues.doingbusiness.org/data/exploreeconomies/south-africa>>. Acesso em 27 maio 2016.

BORGES, Cristiane Vanessa Cândida; FRAGA, Gilberto Joaquim. Integração comercial da região Sul com o BRICS: uma análise através de indicadores tradicionais de comércio internacional entre 2000 e 2012. **Acta Scientiarum: Human and Social Sciences**. Maringá, v.37, n 1, p. 41-52, Jan-Jun, 2015.

CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY (CIA). **The World factbook**. 2016. Disponível em <<https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/sf.html>>. Acesso em 27 maio 2016.

FEISTEL, Paulo Ricardo et al. O Intercambio Comercial Nordeste do Brasil-Venezuela: Desempenho e Perspectivas. **Rev. Econ. NE, Fortaleza**, v. 45, n 3, p. 82-97, jul-set, 2014.

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE SANTA CATARINA, FIESC. **Comércio Internacional**. Disponível em: <<http://www4.fiescnet.com.br/pt/conhecendo-sc/comercio-internacional-sc>>. Acesso em 21 de agosto 2016.

_____. **Santa Catrina em dados**. Disponível em: <http://fiesc.com.br/sites/default/files/medias/sc_em_dados_site_correto.pdf>. Acesso em 21 de agosto 2016.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2010.



RELISE

123

GUTMAN, G. E.; MIOTTI, L. **Exportaciones agroindustriales de América Latina y el Caribe: especialización, competitividade y oportunidades comerciales em los mercados de la OCDE**. CEPAL, 1996.

HIDALGO, Álvaro Barrantes. **Revista Econômica do Nordeste**, Fortaleza, v. 29, n. especial, p. 491-515, julho 1998. Disponível em: <http://www.bnb.gov.br/projwebren/Exec/artigoRenPDF.aspx?cd_artigo_ren=69>. Acesso em 06 junho 2016.

INVEST & EXPORT BRASIL. **Principais Indicadores Socioeconômicos da África do Sul**. Disponível em: <<http://www.investexportbrasil.gov.br/sites/default/files/publicacoes/indicadoresEconomicos/INDAfricadoSul.pdf>>. Acesso em 27 maio 2016.

LOPEZ, José Manoel Cortiñas; GAMA, Marilza. **Comercio Exterior Competitivo**. 4. Ed. São Paulo: Aduaneiras, 2011.

MELO, Maria Cristina Pereira et al. Comércio bilateral Brasil-China e o rebatimento no desempenho das transações externas da Região Nordeste. **Indic. Econ. FEE**, Porto Alegre, v. 38, n. 1, p. 93-102, 2010.

MAPA. MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO. **Mapa negocia com a África do Sul certificado sanitário para venda de carne suína in natura**. Disponível em: <<http://www.agricultura.gov.br/comunicacao/noticias/2016/02/mapa-negocia-com-a-africa-do-sul-certificado-sanitario-para-venda-de-carne-suina-in-natura>>. Acesso em 21 de agosto 2016.

MRE. **Política Externa: Organização Mundial do Comercio**. 2016. Disponível em: <http://www.itamaraty.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=132&catid=131&Itemid=593&lang=pt-BR>. Acesso em: 10 abril 2016.

_____. **O Ministério**. 2016. Disponível em: <http://www.itamaraty.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=5680&Itemid=194&lang=pt-BR>. Acesso em: 03 abril 2016.

_____. **Regimento Interno da Secretaria de Estado das Relações Exteriores**. 2016. Disponível em: <<http://www.itamaraty.gov.br/images/RISE.pdf>>. Acesso em: 03 abril 2016.



RELISE

124

MDIC. **200 anos de Comércio Exterior**. 2016. Disponível em: <<http://www.mdic.gov.br/sitio/interna/interna.php?area=5&menu=608>>. Acesso em 10 abril 2016.

_____. **Plano Nacional de Exportações 2015-2018**. 2015. Disponível em: <http://www.mdic.gov.br/arquivos/dwnl_1435244583.pdf>. Acesso em 01 maio 2016.

_____. **Estatísticas de Comércio Exterior: Balança Comercial brasileira**. Disponível em: <<http://www.mdic.gov.br/index.php/comercio-exterior/estatisticas-de-comercio-exterior/balanca-comercial-brasileira-mensal-2>>. Acesso em 27 maio 2016.

RACY, J. C. et al. **Introdução à Gestão de Negócios Internacionais**. 1. Ed. São Paulo: Thomson, 2006.

RATTI, Bruno. **Comércio Internacional e Câmbio**. 10. Ed. São Paulo: Aduaneiras, 2001.

ROCHA, Ana Paula Assis et. al. Indicadores de Desempenho do Comércio Internacional Baiano, uma análise para soja, algodão e cacau nos anos de 2009, 2010 e 2011. **X Encontro de Economia Baiana**, Setembro, 2014.

SILVA, Jorge Luiz Mariano; MONTALVÁN, Daniel Borja Valdez. **Exportações do Rio Grande do Norte: estrutura, vantagens comparativas e comércio intra-industrial**. RER, Piracicaba, SP, vol. 46, nº 02, p. 547-568, abr/jun 2008 – Impressa em junho 2008. Disponível em: <<http://ageconsearch.umn.edu/bitstream/61249/2/v46n2a10.pdf>>. Acesso em 01 maio 2016.

WITKER, Jorge. **Regras de Origem nos Tratados de Livre Comércio**. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2006.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso: planejamento e métodos**. Porto Alegre: Bookman, 2001.